

COLUNA

SOBRE A MAIORIA MINORIZADA NA PÁTRIA GRANDE

Richard Santos

África & Africanidades latino-americanas e caribenhas

Aos irmãos e irmãs que a partir de agora começam a me acompanhar aqui na África e Africanidades, confesso que é uma grande satisfação participar mais ativamente dessa revista. Inaugurar um espaço singular para quem estuda, lê e/ou quer saber a respeito dos acontecimentos e saberes plurais relacionados à comunidade negra e a toda Maioria Minorizada do Brasil, América Latina e Caribe, o que chamamos de Pátria Grande.

Trimestralmente, compartilharei com vocês dados e elementos do movimento intelectual, cultural e de saberes descolonizados, críticos, conectados nesta relação diaspórica digital que a antropóloga e professora Goli Guerreiro classificou como Terceira Diáspora¹.

Neste primeiro momento gostaria de me apresentar e tratar sobre o que chamo aqui de Maioria Minorizada e de Pátria Grande, termos que dão nome a coluna. Isso para nos localizarmos e identificarmos com ideias, propostas e conceitos que circulam pelo Brasil e América Latina. Por último, trago uma indicação de livro que julgo importante conhecermos e compartilharmos.

Sempre ouvimos que o Brasil está de costas para a América Latina, não nos reconhecemos como latino-americanos etc. E daí pergunto: como anda a comunidade afrolatina e caribenha? Se a América Latina e Caribe, como um todo, é invisível para muitos de nós, imagine os afrolatinos e caribenhos?

É esse mundo, essa cosmologia afrocentrada e mesclada com os povos originários que me proponho a conectar por aqui, sempre, é claro com a colaboração e o retorno dos leitores e leitoras do Brasil e região. Escrevam, demandem, compartilhem suas atividades e histórias conosco.

¹ Segue link para acessar ao blog e aos livros sobre a Terceira Diáspora da Goli Guerreiro. <http://terceiradiaspora.blogspot.com/> visualizado em 15 de Out. de 2019.

Sobre a Maioria Minorizada.

O conceito de Maioria Minorizada foi algo que surgiu decorrente dos estudos sobre comunicação audiovisual que venho desenvolvendo na América Latina, mais especificamente nos estudos comparados sobre televisão entre o Brasil e Argentina². Nessa de viajar para lá, ler sobre a história argentina e compara-la a brasileira, observei que, de modo geral, se temos muito que nos diferencia como povo, em relação aos afrodescendentes e afro-indígenas, tem-se muito mais em comum.

Temos uma história que perpassa toda a vida latina americana e caribenha de invisibilidades, tentativas de branqueamento e apagamento do legado de origem africana. A essa população de africanos, afrodescendentes e afro-indígenas classifiquei como Maioria Minorizada³.



Precisamos pensar o mundo em que estamos inseridos com nossas próprias ferramentas teóricas e práticas, e não reproduzindo acriticamente as teorias e perspectivas hegemônicas que historicamente nos investigam como se fossemos objetos de laboratório, incapazes de criar conhecimento e reafirmar saberes a partir de nossas próprias vivências e histórias. Esse, também, é um grande legado da revista África e Africanidades, por isso minha admiração e satisfação em fazer parte da equipe.

² SANTOS, Hamilton Richard A. F. dos. **A revolução não será televisionada (!?)**. O caso comparado da TV pública no Brasil e na Argentina. (Tese). Departamento de Estudos Latino-Americanos, ELA-UNB; Universidade de Brasília, 2017.

³ Alguns escritos onde já tratei do assunto: **Branquitude e televisão**. A nova (?) África na TV pública. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2018 / **Do sujeito desidentificado à maioria minorizada**: uma abordagem histórica da Antinegritude na mídia brasileira. IN: 130 anos de (des)ilusão: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados. Gões, Luciano (Org.). – Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018.2.

Pátria Grande

Sobre a Pátria Grande, trato da América Latina e Caribe invisibilizada e carente de diálogos, compartilhamentos políticos e culturais positivos, empoderadores dos (as) sujeitos (as). Vamos olhar para a história cultural, sócio-política latino-americana, para as condições de construção das relações sociais, culturais e políticas dos países do continente e promover atores, associações e artistas que possibilitem reflexões críticas sobre a região. Um olhar por outro ângulo. Olhar a partir do Sul, a partir do subalterno, do marginalizado, do latino-americano e caribenho. Olhar e comunicar a partir da Maioria Minorizada, promovendo um entrelaçamento de dados e signos que nos constituem e identificam.

Racismo linguístico

Durante os nossos encontros trimestrais, trarei sempre dicas de leitura, filmes e programas culturais que julgue válido compartilhar. Dicas que nos aproximem e que tratem de nossa gente a partir de gente da gente.

Começo então com um livro que me tocou e considero importantíssimo que chegue ao maior número possível de leitores e leitoras. Racismo linguístico é o livro que ilumina e “populariza” a sólida produção intelectual do acadêmico e linguista Gabriel Nascimento.



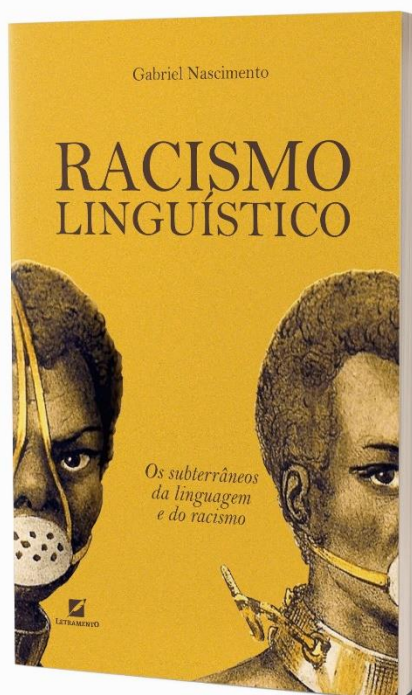
Gabriel Nascimento é professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e foi Visiting Scholar na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Ele afirma que o racismo ganha corpo na língua.

Foto: Talita Ishiro.

Oriundo dos rincões cacauzeiros baianos, do distrito de Banco Central, uma região afastada do centro da populosa cidade de Ilhéus, Bahia, Nascimento, negro, de origem rural, professor da Universidade Federal do Sul da Bahia,

doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade de São Paulo, autor de contos e prosas sobre a região, se filia aos mais notáveis autores negros da literatura crítica e das ciências humanas contra hegemônicas para traçar um fabuloso retrato do racismo que se empodera e preserva através da língua falada.

Ao lê-lo, percebemos um cinturão de influências que vão de Lima Barreto a Milton Santos. De Lélia Gonzalez a Bell Hooks. De Amílcar Cabral a Achille Mbembe. Nascimento apresenta suas armas teóricas e deixa transparecer suas influências.



Estudioso do inglês e pesquisador do ensino não branco dessa língua anglo-saxã, Gabriel Nascimento usa de sua expertise e teoria para nos informar como a língua molda a sociedade. Determina os desaparecimentos culturais e impõe os costumes de um grupo hegemônico sobre a Maioria Minorizada.

Da língua, e dos estudos de Gabriel Nascimento, agora registrado em livro, descobrimos como nos tornamos sujeitos invisíveis, desidentificados e chutados para a subalternidade. Nos descobrimos quase não humanos. Não produtores de cultura, segundo os padrões e signos da branquitude.

Apontando como a linguagem é espaço de produção, reprodução, manutenção do racismo e alijamento dos não brancos, ele descortina o Brasil branco, desconstrói o mito da cordialidade e explica os assassinatos normalizados, não reclamados de homens e mulheres negras no cotidiano brasileiro.

Não falamos, não entendemos, não pertencemos, não ouvimos. É isso o que ele diz sem gritar. Verbaliza sem falar. Apunhala sem ferir. Espanca sem machucar. Tem uma escrita elegante ao mesmo tempo em que agressiva.

Herdeiro de tradições analíticas que vão de Frantz Fanon que primeiro nos apontou a necessidade de compreender os usos e sentidos da língua para a opressão e negação dos não brancos, à Lélia Gonzalez, que nos diz que a língua é a identidade e nossa identidade é ladina, amefricana e não branca. Nascimento nos informa nessa obra essencial que precisamos nos reconfigurar se quisermos viver, que precisamos nos escutar, mais do que ouvir, para criarmos laços e identidades que permitam a sobrevivência nesse mundo que há séculos forja instrumentos de morte, alienação e racialização dos afrodescendentes, o que coaduna com o que nos diz outra de suas referências, Achille Mbembe.

Dialogando com o pensador Jamaicano Stuart Hall, Nascimento critica o signo de raça e seu efeito discursivo pós-moderno ligando-o a visão eurocêntrica do conceito, e reforça sua associação ao também caribenho Aimé Césaire, ao alinhar seu estudo a “um discurso sobre a colonialidade” na América Latina, África e Ásia. Busca referências, também, na filósofa panamenha Linda Alcoff, para completar sua episteme do SUL do mundo não ocidentalizado.

Racismo linguístico, ou linguicídio, nos moldes que nos apresenta e esclarece Nascimento é uma gota de luz diante do oceano da Necropolítica que se instituiu no Brasil contemporâneo. Recomendo a leitura.

Termino por aqui, agradecendo a atenção de todos (as) que fizeram a leitura da coluna. Sabemos que o hábito da leitura está cada vez mais raro, ler textos completos e conseguir que o leitor ultrapasse o título e os primeiros parágrafos são uma preocupação e esforço hercúleo do escritor (a) e da editoria de qualquer revista. Assim, se você chegou é porque gostou. Me despeço desejando um ótimo mês, e agradecendo a companhia. Espero nos rever novamente na próxima edição.

Asé, saúde, luz e bênçãos pra gente!

Richard Santos

Também conhecido como Big Richard, é nascido no bairro Rio Comprido, Rio de Janeiro, pioneiro do Hip Hop carioca, criador da ATICOM, Associação Hip Hop Atitude Consciente (1992), autor de quatro livros autorais, sendo que os dois primeiros *Rei Zumbi – Um herói da liberdade* (Editora Planethina Paz, 1998) e *Zeca & Juninho no Mundo dos Homens* (Editora Planethina Paz, 1998), são livros infantis escritos para seu filhos Kayodê & Kazembê, e, conseqüentemente, para as demais crianças que não tinham oferta de literatura auto referenciada naquela época. *Hip Hop Consciência & Atitude* (2005), livro sobre ativismo e arte no Hip Hop brasileiro. Seu mais recente livro é *Branquitude & Televisão. A nova (?) África na TV pública* (Gramma, 2018). Foi produtor, repórter e apresentador de TV por mais de vinte anos, com passagens por emissoras como Globo, Band, TV da Gente e TV Brasil.



É pós-doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto do Centro de Formação em Artes, CFA, e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB. Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos – ELA /UNB. Mestre em comunicação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em História e Cultura no Brasil pela Universidade Gama-Filho. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Nação Hip Hop Brasil. Tem como principais objetos de pesquisa, televisão, diversidade étnico-racial, hegemonia e contra hegemonia no contexto das indústrias culturais.